

Desconstruindo antigos preconceitos

Deconstructing Old Prejudices

Resumo

Este artigo oferece informações sobre o contexto de alguns textos bíblicos que ao longo da história geram preconceitos e discriminações. Leituras fundamentalistas da Bíblia, que interpretam estes e outros textos fora dos seus contextos, justificam e estimulam rivalidades, gerando preconceitos, violências e até guerras em nome de Deus. O artigo apresenta também algumas buscas e experiências de superação de preconceitos a partir do evangelho de João.

Palavras-chave: Fundamentalismos; Preconceitos; Contextos; Superação.

Abstract

This article offers information about the context of some biblical texts that, throughout history, generate prejudice and discrimination. Fundamentalist readings of the Bible that interpret these and other texts outside their contexts justify and encourage rivalries, generating prejudice, violence and even wars, in the name of God. The article also presents some searches and experiences of overcoming prejudice, based on the Gospel of John.

Keywords: Fundamentalisms; Prejudices; Contexts; Overcoming.

O “silêncio de Jesus em relação à lei da pureza é muito significativo. A autoridade não está fora da mulher, mas nela mesma. Os sacerdotes não têm que ratificar nada, porque o próprio corpo da mulher é autoridade e reflexo de uma nova proximidade com Deus. Quebrou-se o tabu da impureza. A cura se estende, agora, a todas as mulheres que se abrirem a uma experiência reconciliada com seu próprio corpo” (Estévez López, 1997).

O evangelho de João apresenta um diálogo muito significativo entre Jesus e a mulher samaritana. Quem inicia a conversa é Jesus, pedindo à mulher que lhe dê água para saciar sua sede. A mulher da Samaria fica admirada com

¹ Mercedes Lopes é brasileira, freira das MJC. Desde 1980, participa e contribui com a Leitura Popular da Bíblia nas CEBs, grupos de mulheres e Congregações Religiosas. É licenciada em Teologia pelo SBL da Costa Rica, diplomada em Espiritualidade pela PUComillas de Madrid, Espanha, mestre e doutora em Ciências da Religião, na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico, pela Universidade Metodista de São Paulo - Brasil. É autora de livros e artigos. mercedeslopes302@gmail.com”

a ousadia daquele judeu que, sozinho, se aproxima dela, uma mulher desconhecida, samaritana e sozinha e lhe dirige a palavra. Será que ele não conhece os costumes do seu povo? Ela se pergunta e o desafia: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma samaritana?” (Jo 4,9).

O diálogo entre os dois continua tenso. Cada um vai se revelando aos poucos, intervindo na conversação com questionamentos, na tentativa de se afirmar. A Samaritana escuta. Ela abre uma brecha no muro de preconceitos do seu ambiente para escutar a um judeu desconhecido. Jesus se apresenta e lhe oferece o bem mais importante para a sobrevivência de um povo que vive naquele clima árido da Palestina. Ele diz: “Quem beber a água que eu lhe der nunca mais terá sede” (Jo 4,14).

Esta oferta de Jesus é uma boa notícia para a Samaritana. Mas, na realidade, seu anúncio é simbólico. Esta “água viva” que Jesus promete vai jorrar do interior de quem a bebe, de quem escuta e acolhe sua Boa Nova. Mas, o desejo da Samaritana é muito concreto, cotidiano e existencial. O que ela mais deseja é não precisar mais ir buscar água em pleno meio dia, naquele antigo e distante poço. Sonha e procura também ser respeitada e reconhecida pelo seu próprio valor de mulher da Samaria.

Através deste bonito e expressivo diálogo, cheio de sentimentos e significados, a Samaritana vai descobrindo que Jesus tem uma notícia boa para sua vida e também para a caminhada do seu povo samaritano. Então, ela faz uma pergunta que revela seu desejo ainda mais profundo: a superação dos preconceitos religiosos que dividem judeus e samaritanos: “Senhor, vejo que es profeta! Os nossos pais adoraram a Deus nesta montanha. E vocês judeus dizem que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar” (Jo 4,20).

Por trás desta observação da Samaritana aparecem vários problemas criados por opções de poder a séculos atrás. Um deles foi a centralização do culto a *Yahweh* no Templo de Jerusalem, pelo Rei Josias (2Re 23,8-14). Esta opção levou os sacerdotes levitas do interior a ficarem sem trabalho e a serem rebaixados na estrutura religiosa do templo. A Samaritana questiona esta concentração religiosa e financeira que mantém um poder religioso central, para garantir a cobrança de tributos, os privilégios da corte, os rituais do culto e as guerras.

Na resposta de Jesus há uma relativização do templo de Jerusalém como único lugar para adorar a Deus: “Vem a hora em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura” (Jo 4,21). Embora Jesus tenha manifestado uma visão anti-templo, próxima da mentalidade dos samaritanos, sua postura de superioridade apresenta aspectos dos preconceitos dos judeus contra os samaritanos. Um dos motivos desses preconceitos se remonta ao tempo do pós-exílio, quando os samaritanos quiseram contribuir na construção do Segundo Templo e os judeus não permitiram (Ne 1,3s; 3,33-37). Depois, os samaritanos se opuseram à construção das muralhas da cidade de Jerusalém. Séculos depois, no tempo de Jesus, ainda

encontramos preconceitos dos judeus em relação aos samaritanos : “Essa gente que não conhece a Lei é maldita” (Jo 7,49). Na conversa entre a Samaritana e Jesus, estes preconceitos não desapareceram, mas foram relativizados.

Depois do diálogo com Jesus, a mulher vai contar aos seus vizinhos da Samaria a grande novidade do seu encontro com um judeu junto ao poço de Jacó. Ela narra, com muita alegria, que encontrou uma pessoa que lhe fez revelações importantes. Ela acha que ele poderia ser o *Tahed*, o salvador que os samaritanos esperavam. Esta notícia comunicada pela mulher despertou a curiosidade dos seus vizinhos samaritanos, que foram depressa ao encontro de Jesus e o convidaram para vir passar um tempo com eles, na Samaria (Jo 4,40). Jesus aceita sem problemas, porque, para ele, não pode haver preconceitos que impeçam as relações de aproximação e diálogos na construção da paz.

O Reino de Deus supõe a participação livre e solidária de todos. Para Jesus, nas famílias e comunidades todas as pessoas devem ser acolhidas e abraçadas, com atenção. Seu anúncio do Reinado de Deus carrega um sonho de que os pobres vão acolher e valorizar suas diversidades, formando uma grande roda. De mãos dadas, assumirão em conjunto as ações necessárias e urgentes para defender a vida fragilizada, desprezada, oprimida.

Aquela mulher samaritana, uma palestina, já faz parte desta roda há muito tempo. Ela animou os samaritanos a entrarem nesta roda. Depois que fizeram a experiência, eles disseram à mulher: “Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos e sabemos que ele é verdadeiramente o salvador do mundo” (4,42). Desta maneira, a mulher samaritana tornou-se a primeira evangelizadora da Samaria.

Os Judeus no Evangelho de João

Continuando com o Evangelho de João, lembro que a expressão “os judeus” aparece repetida 70 vezes neste evangelho. As narrativas sempre colocam “os judeus” em conflito com Jesus. São conflitos religiosos. Mas, quem são “os judeus” no Evangelho de João? Esta é uma pergunta importante, porque esta expressão “os judeus” tem sido frequentemente interpretada como raça ou etnia judaica. Tal interpretação é equivocada e teve graves consequências antisemitas ao longo da história. Serviu também de argumento contra o movimento antisionista.

Certamente, há argumentos sérios para analisar o sionismo. Um aspecto que precisa ser analisado é a imagem de Deus que este movimento divulga: um Deus todo poderoso e castigador, que ordena crueis matanças aos diferentes. O momento histórico atual está contaminado de ódios e violências que nos desafiam a viver e articular uma solidariedade lúcida e amorosa. Então, vamos desconstruir esta imagem de Deus dominador e desconstruir os preconceitos que justificam tantas rejeições, violências e até guerra!

A expressão “os judeus” que aparece 70 vezes repetida no Evangelho de João se refere aos fariseus que dirigiam as sinagogas locais e tinham dificuldades na relação com as comunidades joaninas da mesma cidade. Não se tratava de todos “os judeus”, mas das autoridades farisaicas das sinagogas locais. Esta polêmica entre as autoridades farisaicas das sinagogas e a comunidade joanina começou a partir da década de 70, quando as sinagogas locais passaram a ter maioria de fariseus na sua coordenação.

Para entender esta situação, vamos resgatar um pouco da história da “Grande Revolta Judaica”, iniciada em 66 d.C. e encerrada em 70 d.C., com a destruição total de Jerusalém pelo general Tito e as poderosas tropas romanas. Mesmo assim, a luta foi se prolongando até 73 d.C., com a tomada da fortaleza de Massada. Imediatamente depois do final desta guerra, os sobreviventes organizaram uma Assembleia em Jamnia, para definir estratégias de retomada do judaísmo iniciado na Judeia, depois da volta do exílio da Babilônia.

Com a destruição de Jerusalém no ano 70, os fariseus elaboraram um plano para reconstruir o judaísmo. Uma das estratégias foi colocar os fariseus, que tinham uma visão muito restrita da Lei de Moisés, na direção das sinagogas. Este esclarecimento é importante tanto para conhecer a comunidade joanina e situa-la no seu contexto sócio-religioso, como para estimular nossa visão crítica da história e ver melhor as realidades que estão por trás dos textos bíblicos.

Muitas vezes não percebemos que, por trás de guerras e extermínios, tem uma visão de Deus poderoso, dominador, castigador, que discrimina e justifica dominações, violências e guerras em seu nome. Esta imagem de Deus mantém e justifica a concentração das riquezas e do poder e dá suporte teológico a sistemas religiosos e sociais patriarcalistas e excludentes. Assim, em nome desse Deus, o Estado de Israel esmaga palestinos indefesos.

Através das redes sociais, estamos assistindo imagens terríveis da Guerra de Israel em Gaza, contra os Palestinos, através da internet. Como assistir a este massacre de Israel sem fazer perguntas? “De onde veem estas armas tão poderosas? Os países que fornecem estas armas o fazem com que interesse? No caso de Israel, que imagem de Deus está por trás desta absurda e covarde matança? Que antigos preconceitos motivam e justificam este ódio?”

Já vimos que o conflito tão repetido no Evangelho de João entre Jesus e “os judeus” não era entre etnia judaica. Os conflitos eram entre a comunidade joanina e os líderes fariseus da sinagoga local. Agora, podemos ler o Evangelho de João e desconstruir os velhos preconceitos contra os judeus, fazendo perguntas que mostram a realidade que está por trás do texto:

- Jesus era judeu e não iria dizer “tua lei” (8,17; 10,34) ou “vossos pais” (Jo 6,49). Expressões como “Páscoa dos Judeus” (2,13; 11,55), “a festa dos Judeus” (Jo 5,1) ou “a purificação dos Judeus” (2,6) também são posteriores ao tempo de Jesus e manifestam a mistura cultural presente na composição da comunidade joanina. Tais expressões manifestam que a comunidade do discí-

pulo amado tinha uma diversidade de participantes. Nem todos eram de origem judaica.

No Evangelho de João o judaísmo aparece como um bloco, o que demonstra uma situação posterior aos anos 70. Antes desta época, o judaísmo se caracterizava por uma diversidade de grupos, como os fariseus, saduceus, escribas, sacerdotes e doutores da Lei. Depois que os fariseus são apresentados como autoridades nas sinagogas locais (Jo 9,13-17; 7,32,45; 11,45-47,57), as diversidades desaparecem. Em cada cidade onde se formavam pequenas comunidades cristãs, seus participantes também iam aos sábados na sinagoga. Quando os fariseus se tornam autoridade nas sinagogas locais, começa a discussão entre autoridades sinagogais e seguidores/as de Jesus Cristo, que acabam sendo expulsos das sinagogas.

As autoridades judias eram tolerantes com as comunidades cristãs que proclamavam a ressurreição de Jesus (At 5,33-42), porém não aceitavam a crítica que as comunidades faziam ao Templo de Jerusalém. Também não aceitavam que apresentassem Jesus como igual a Deus, nem violassem o descanso sabático (Jo 5,16;7,19.22-24). Havia algumas restrições em relação à Eucaristia (6,52). Tema que está por trás do discurso de Jesus sobre o sentido da Eucaristia como “pão da via”, no capítulo 6 do Evangelho de João.

Em João 8 encontramos uma longa discussão entre fariseus e Jesus na das mulheres do Templo de Jerusalém (Madrigal Rajo, 2023). Jesus estava anunciando a Boa Nova ao povo, quando um grupo de opositores trouxe uma mulher que, segundo eles, foi encontrada em flagrante adultério. Já sabemos que esta ação era uma cilada para condenar a Jesus, por não cumprir a Lei de Moisés. Para aqueles homens religiosos, a mulher tinha que morrer apedrejada porque pecou.

Eles queriam que Jesus desse a sentença da pena de morte, entrando em contradição com seu projeto. Jesus se cala, os fariseus insistem. Jesus diz: “Quem não tiver pecado atire a primeira pedra” (8,7). Aqueles homens foram saindo e Jesus ficou em silêncio. Quando ele levantou os olhos, viu a mulher sozinha, de pé. Jesus se dirige a ela e pergunta. “Onde estão eles? Ninguém te condenou?” Jesus quer que a mulher se expresse e espera sua resposta. Ela disse: “Ninguém, Senhor”. “Então pode ir e não peques mais, diz Jesus” (8,11).

Depois disso, Jesus continuou anunciando a Boa Notícia: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12; Ex 31; Sl 27,1; Is 9,1; 60,19). Os fariseus reagiram: “Não dizíamos com razão que es um samaritano e tens um demônio? (Jo 8,48). Esta crítica dos fariseus nos ajuda a ver que havia a participação de samaritanos na comunidade joanina. Também pode Jesus mostrar a identidade semita comum na Região, ou faz parte de um preconceito religioso, é difícil saber. Cerca de 50 anos depois da morte de Jesus, os fariseus ainda identificam Jesus com os samaritanos. Mostra, também, uma diversidade de procedências entre os participantes da comunidade. Algo novo, diante do ódio do passado, porque o tex-

to mostra nestas diversidades, uma comunidade cristã aberta. As pessoas são atraídas às comunidades, porque nelas há pessoas com dons de curar, escutar, acolher e amar em tempos muito sombrios. Era o final do século 1 e o imperador era o terrível Domiciano.

Mas, uma leitura fundamentalista do Evangelho de João gerou preconceitos contra os judeus e causou muito sofrimento ao povo judeu ao longo dos séculos. As interpretações contaminadas com o fechamento dos cristãos, para se defenderem do imperio romano não ajudaram a perceber esta novidade. Esta interpretação da expressão “os judeus” como raça judia teve dramáticas consequências na história, sobretudo durante a Segunda Guerra mundial. Esta interpretação não foi a causa do “holocausto”, mas deixou as igrejas cristãs da Europa indiferentes ou passivas diante da tentativa de Hitler acabar com o povo judeu. Ao longo dos séculos uma leitura literal e equivocada da Bíblia tomou formas de anti-semitismo e também de anti-sionismo, justificando absurdas exclusões, violências e guerras.

Neste momento de absurda guerra entre o Estado de Israel e o Hamas, em Gaza, nos deparamos com a mais cruel matança de um povo indefeso. Além de um chamado à solidariedade com os PALESTINOS, esta absurda guerra nos desafia a desconstruir junt@s os preconceitos que nos tornam insensíveis e alienados diante da dor, dos sofrimentos, da fome, sem discernir as causas destas situações.

Desconstruindo preconceitos podemos caminhar juntos, intercambiando esperança. Mas, para semear esperança profética precisamos superar a insensibilidade diante do massacre do governo de Israel a um povo empobrecido e sem nenhuma saída política. Seria interessante fazermos uma pergunta sobre o que leva outros governos a aceitarem silenciosamente esta absurda guerra?

Uma leitura fundamentalista da Bíblia pode nos impedir de acolher a Palavra de Deus sendo vivida e anunciada em nosso tempo. Uma postura mais evangélica de abertura e escuta dos pobres, empobrecidos, sem terra, trabalho e teto seria a boa nova libertadora e atraente (Gebara, 2023). Tem muita notícia boa para ser partilhada. Uma delas é o despertar das mulheres como protagonistas de um novo tempo de solidariedade e luta por justiça. Como uma contribuição para este despertar, retomo a pessoa da Maria Madalena.

As Mulheres, protagonistas da solidariedade

As comunidades que escreveram os quatro evangelhos canônicos guardaram memória da sua grande liderança. Ela é a discípula mais citada no Novo Testamento (Lc 8,1-3; Mc 15,40-41; Mt 27,55-56; Lc 23,49; Jo 19,25; Mc 15,47; Mt 27,61; Mc 16,1-8; Mt 28,1-10; Lc 24,1-10; Jo 20,1;20,11-8). Das onze vezes em que Maria de Magdala é citada, seu nome aparece em primeiro lugar dez vezes, deixando bem clara a sua liderança no grupo de discípulas de Jesus e discípulos de Jesus.

A mensagem da ressurreição de Jesus foi confiada às mulheres. Esta pode ser uma prova da historicidade dos relatos da ressurreição. Se os relatos tivessem sido fabricados, as mulheres nunca teriam sido escolhidas como testemunhas, já que a lei judaica não reconhecia o testemunho de mulheres (Lopes, 2024). Então, por que foi Maria Madalena interpretada como pecadora penitente, como prostituta, possuída por demônios? (Sebastiani, 1995).

Uma das respostas a esta pergunta pode ser a leitura rápida dos textos bíblicos, sem liga-los com a vida, com o contexto das pessoas em seu ambiente social, religioso e social. Um exemplo da pouca importância que se dá à memória do discipulado das mulheres. Pode ser que a intenção tenha sido a de buscar na figura de Madalena como uma pecadora arrependida, um apelo à conversão, mostrando como todos os pecados podem ser perdoados quando a pessoa se arrepende. No entanto, parece haver uma intenção menos explícita, parecida com estas propagandas que hoje se faz através das novelas na TV. De maneira sutil, a deturpação da figura de Maria Madalena mantém uma velha atitude de suspeita em relação às mulheres, passando a ideia de que sua natureza e seus corpos são espaços perigosos. A possessão demoníaca tem sido identificada com pecado. Os corpos femininos são inferiorizados e culpabilizados para que possam ser mais facilmente submetidos

Mesmo escutando várias exaltações sobre a dignidade e missão das mulheres na Igreja, hoje em dia, o título de “apóstola dos apóstolos” para Maria Madalena fica no esquecimento. Oficialmente, não se escuta nenhuma autoridade eclesiástica falar sobre este assunto. Também a filmografia sobre Maria Madalena, tão superficialmente fundamentada, apresenta Madalena como uma mulher ambigualmente apaixonada por Jesus, porque este roteiro faz mais sucesso do que o testemunho de uma apóstola!

Desta maneira, a discípula fiel, que acompanhou Jesus durante sua vida pública; a amiga e companheira que esteve presente na crucificação e que permaneceu diante do túmulo; aquela que fez a maravilhosa experiência da ressurreição, podendo afirmar com toda convicção: “Vi o Senhor!”, foi transformada em pecadora arrependida.

Mesmo que esta deturpação da figura de Maria Madalena não fosse consciente, ela é um desvelamento do medo que o androcentrismo tem de perder o poder. Se a tradição da discípula e apóstola permanecesse, haveria o perigo de que as mulheres descobrissem a sua importância nas origens do cristianismo e se sentissem animadas a assumir com autoridade, dignidade e pleno direito seus espaços de reflexão e de decisão, lutando também pelo direito ao ministério ordenado das igrejas cristãs. As mulheres estariam lado a lado com os homens, mantendo a memória fiel de Jesus de Nazaré, fazendo circular o amor pleno e sem medo, exercendo o poder de defender e fortalecer a vida.

Então, como foi que transformaram a discípula modelo em pecadora arrependida? Teriam interpretado mal a expressão “Maria Madalena da qual ha-

viam saído sete demônios” (Lc 8,2) ? Esta expressão, que aparece somente em Lucas e no apêndice de Marcos (Lc 8,2; Mc 16,9), criou uma série de preconceitos contra Maria Madalena. Mas para o Evangelho de Lucas, a possessão não significa pecado e sim doença. O número 7, sempre simbólico, parece indicar a gravidade da situação. Dentro do contexto de Lucas, podemos interpretar que Maria Madalena padecia de uma grave doença nervosa ou psicossomática. No encontro com Jesus, ela recupera a harmonia interior e entra em um processo de crescimento e amadurecimento pessoal até atingir a plenitude do seu ser na experiência pascal.

Curiosamente, a Igreja Oriental nunca a identificou Maria Madalena como uma prostituta, mas honrou-a ao longo da história como ‘a Apóstola dos Apóstolos’. Este título tem a ver com a experiência de Paulo. Segundo ele, o que dá base para a missão e a autoridade do apóstolo é o encontro com Cristo Ressuscitado e o fato de ter sido enviado por ele a uma missão específica. É com este argumento que Paulo reivindica seu título e sua função de apóstolo (1Cor 4 9,1 e 15,8).

Termino afirmando que Maria Madalena é apóstola e que ela tem primazia entre os apóstolos, pois foi a primeira a ver o ressuscitado e a ser enviada por Ele com a mensagem da ressurreição para os Onze. Sua mensagem dá base para todo anúncio sucessivo. Se a tradição da discípula e apóstola permanecesse, haveria o perigo de que as mulheres descobrissem a sua importância nas origens do cristianismo e se sentissem animadas a assumir com autoridade, dignidade e pleno direito seus espaços de reflexão e de decisão, lutando também pelo direito ao ministério ordenado das igrejas cristãs. Que acham?

Referências bibliográficas

- Equipe de reflexão bíblica, *Reconstruir relações em um mundo ferido. Uma Leitura de Marcos em perspectiva de novas relações*. Publicações CRB/2006.
- Estévez López, E. *Prácticas compasivas y visibilidad femenina*. En: *Reseña Bíblica*, “La mujer en la Biblia”, Estella: Verbo Divino, No. 14, 1997, pp. 23-34.
- Gebara, I., *Ensaio de Epílogo*. En: RIBLA, No. 91: “Entre ustedes no será así”: Resistencia, Resiliencia...en la violencia, 2023, pp. 194-203.
- Lopes, M. (2004), *Maria Madalena e as outras Marias*, São Leopoldo: CEBI, Série Por Trás da Palavra, No. 143, pp. 17-21.
- Lopes, M., *Encontros para esperar – Mulheres no Evangelho de João*, São Leopoldo: CEBI, 2020, Série PNV 385.
- Lopes, M. e Wanderley, W. (Org.) (2015), *Experiências Femininas de Deus*, São Paulo: Fonte Editorial.
- Madrigal Rajo, L.J., *Ni piedras ni hombres acusadores: la mujer en medio, Jesús y los del montón (Jn 8,1-12)*. En: RIBLA No. 91: “Entre ustedes no será así”: Resistencia, Resiliencia...en la violencia, 2023, pp. 110-132.
- Moya, D. “Guerra e paz em contexto”. Em: *Guerra y Paz*. RIBLA N° , 74, 2017. pp. 11-19.
- Sebastiani, L. (1995), *Maria Madalena de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida*, Petrópolis: Vozes.Paulo: Fonte Editorial.

Mercedes Lopes